



## **Uma Revisão Bibliográfica Inicial sobre Gêneros do Discurso Jornalístico<sup>1</sup>**

Daniel Dantas LEMOS  
Universidade Federal do Ceará, UFC

### **Resumo**

Este artigo se propõe a realizar uma revisão bibliográfica acerca dos gêneros do discurso jornalístico. Desse modo, faz dialogar noções de Bakhtin (2013), consideradas fundamentais, com respeito aos gêneros do discurso, enunciados e sua conclusibilidade, e as ideias relacionadas aos estudos dos gêneros jornalísticos, especificamente as apresentadas por Melo & Assis (2013). Defendemos também, dentre outros elementos, que a ideia bakhtiniana de enunciado confronta as noções de formato e gênero segundo a Classificação Marques de Melo. Propomos a centralidade de Bakhtin para a compreensão dos gêneros do discurso jornalístico, que são secundários, pertencem à comunicação mediada e constituem-se a partir das necessidades do campo jornalístico e das formulações culturais e sociais contemporâneas.

### **Palavras-chave**

Gêneros do Discurso; Gêneros do Discurso Jornalístico; Discurso Jornalístico; Jornalismo

### **Introdução**

Certamente a discussão acerca dos gêneros jornalísticos é das mais importantes reflexões teórico-conceituais do campo da comunicação, com implicações na prática profissional e nas atividades de ensino e aprendizagem do jornalismo.

Definir e compreender os gêneros do discurso jornalístico se torna ainda mais importante, nos parece, diante do cenário de ampliação da convergência midiática e a consequente hibridização e geração de novos enunciados no jornalismo.

Em um cenário, inclusive, em que a dialogia nas mídias se amplia - pelo surgimento de novas narrativas via redes sociais e o enfrentamento do discurso mais hegemônico do campo jornalístico -, pensar os conceitos de gêneros do discurso com a intenção de compreender os novos gêneros e as novidades do discurso da mídia nos parece fundamental.

Este artigo se propõe a uma revisão bibliográfica sobre os gêneros do discurso jornalístico, a partir, no entanto, do centro do pensamento do chamado Círculo de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 2 a 4 de julho de 2015.



Bakhtin a respeito do tema. Ainda que dialoguemos com outras formulações, como a já consagrada, no campo de pesquisa da comunicação, Classificação Marques de Melo, partimos da compreensão que a obra de Bakhtin sobre os gêneros do discurso é essencial para o entendimento da questão.

E por quê?

Concordamos com Machado (2007, p. 161 - 162) quando diz que, se em seu tempo Bakhtin desenvolveu suas ideias a partir do acompanhamento da literatura, da cultura popular, do jornalismo, da publicística e do rádio, no desenvolvimento histórico da cultura, desde então,

as esferas discursivas diversificadas pelos meios de comunicação, pelos encontros e diálogos interculturais se encarregam de redimensionar o alcance que suas formulações sobre os gêneros discursivos poderiam ter no estudo dos discursos da prosa comunicativa criada pelo filme, programa de televisão e pelos formatos das mídias digitais.

Machado (2007, p. 162) esclarece ainda que não "se trata de transportar as formulações de uma área para outra mas de reelaborar dialogicamente o pensamento". Desse modo, a relevância de pensar os gêneros do discurso jornalístico a partir da obra de Bakhtin reforça-se, ainda que não deva representar uma transmigração automática do pensamento do russo e de seu círculo para o contexto jornalístico da segunda década do século XXI. Até porque, complementa Machado (2007, p. 162), os gêneros do discurso jornalístico são gêneros da comunicação mediada que se constituem "em função das necessidades culturais e apresentam-se como resposta às formulações em curso". Ou seja, qualquer discussão de um tema assim deve ser feita à luz da esfera social do jornalismo e do tempo e cultura atual.

É desse ponto que nossa reflexão sobre os conceitos dos gêneros do discurso jornalístico parte, considerando a importância fundamental de Bakhtin e a necessidade de diálogo com a produção e a pesquisa do tema na esfera acadêmica da comunicação e do jornalismo.

### **Gênero: da Antiguidade à Bakhtin**

A ideia do gênero, diz Charaudeau (2014, p. 249), remete à Antiguidade - mas, desde então, perpassa a possibilidade de o sujeito reconhecer a natureza de um



determinado enunciado no conjunto de produções textuais, como também se configura em um objeto de análise para perspectivas epistemológicas diversas.

Na Antiguidade greco-romana, a natureza dos gêneros, ainda segundo Charaudeau (2014, p. 249), se marcava em duas origens - de um lado, os gêneros do fazer poético que celebravam heróis e deuses, interpretavam enigmas, aproximavam homens e divindades, de outro, os gêneros retóricos que emergem na Grécia clássica e na Roma de Cícero “como respostas às necessidades de gerir a vida da cidade e os conflitos comerciais, fazendo da fala pública um instrumento de deliberação e de persuasão jurídica e política”.

Na tradição literária, continua Charaudeau (2014, p. 249), os gêneros servem para selecionar e classificar os diferentes textos literários de prosa e poesia - ainda que tenham havido distintos critérios nessa classificação: critérios de composição, forma e conteúdo (definindo, por exemplo, poesia, teatro, romance, ensaio); critérios que se relacionam a modos de conceber a realidade compondo escolas literárias em determinados períodos históricos (romântico, realista, naturalista, surrealista); critérios que remetem à organização enunciativa dos textos (fantástico, autobiografia, romance, etc).

À luz dessas questões, Charaudeau (2014, p. 250) explica que semiótica, análise do discurso e análise textual aplicam as mesmas noções também para textos não literários, a partir de diferentes perspectivas (funcional, enunciativo, textual e comunicacional). Neste trabalho interessa-nos o ponto de vista comunicacional, ligado, segundo Charaudeau (2014, p. 250), à obra de Bakhtin.

Desse modo, compreendemos que quaisquer discussões acerca de gêneros do discurso passam, necessariamente, pela obra do círculo de Bakhtin, em especial o seu texto sobre o assunto (BAKHTIN, 2003). Assim, estudar os gêneros na perspectiva do jornalismo - os gêneros jornalísticos - implica que se estabeleça um diálogo adequado com a produção bakhtiniana, precursora na reflexão conceitual do tema, ao mesmo tempo em que, no jornalismo, encontramos-nos em área que também é de interesse do círculo de pesquisadores reunidos em torno de Bakhtin quando pensavam acerca do gênero discursivo e da linguagem.



## **A ideia de gênero, enunciado e estilo**

Rojó & Barbosa (2013, p. 59) destacam que, de um ponto de vista bakhtiniano, todas as esferas da atividade humana são atravessadas por formas de comunicação verbal e, em cada uma dessas esferas, são elaborados seus tipos relativamente estáveis de enunciados - os gêneros do discurso, como os define Bakhtin (2003, p. 261). Esta posição contrapõe-se àquela que se tornou consagrada, apresentada por Melo & Assis (2013), acerca do que sejam os gêneros jornalísticos - a Classificação Marques de Melo, a qual analisaremos mais adiante.

A partir da compreensão exposta por Bakhtin (2003, p. 261) sobre gêneros do discurso e sua relação com os campos ou esferas da atividade humana, podemos afirmar que o jornalismo, sendo um desses campos da atividade social, desenvolve toda uma forma de linguagem própria, uma particular manifestação e, o que nos importa neste trabalho, gêneros próprios a ele ligados. Nisso, como diz Mendes (2014, p. 12), Bakhtin resgata a relação entre o linguageiro e o social, afirmando que “os gêneros só fazem sentido se pensados de forma integrada à atividade humana”.

Com base na definição de gênero do discurso em Bakhtin (2003, p. 263), ao pensarmos em gênero somos conduzidos a refletir sobre a natureza do enunciado. Se o gênero é, na sua concepção, uma forma semiestabilizada de comunicação, essa comunicação se dá como enunciados. Desse modo, no centro da compreensão acerca dos gêneros, a noção bakhtiniana de enunciado se mostra necessária.

O autor entende que a língua se efetua em forma de enunciados, sendo estes a unidade real da comunicação discursiva, em contraposição à oração, unidade da língua a partir de uma perspectiva que a entende como sistema. Enunciados<sup>2</sup>, portanto, diz Bakhtin (2003, p. 263), “são formas orais e/ou escritas, concretas, únicas, proferidas por integrantes de um campo da atividade humana, refletindo as condições de produção e finalidade deste grupo”.

Mas os enunciados têm, de acordo com Bakhtin (2003, p. 262), como característica um conteúdo temático específico, assim como estilo e construção

---

<sup>2</sup> Nesse ponto, Seixas, Tourinho & Guedes (2014, p. 93) discordam de Bakhtin, modificando sua conceituação de gênero - em vez de falar em tipos relativamente estáveis de enunciados, os autores consideram o gênero jornalístico como uma enunciação relativamente estável. Além disso, Seixas, Tourinho & Guedes (2014, p. 99) questionam a finalidade do gênero como seu principal critério de definição, “porque o gênero pode ter mais de uma finalidade e isso depende de elementos extralinguísticos que vão desde o medium ao outro participante ativo”.



composicional própria. Na perspectiva do círculo, por exemplo, estilo não é entendido como manifestação individual, mas se liga ao gênero do discurso. Assim, diz Bakhtin (2003, p. 266), na “imensa maioria dos gêneros discursivos (exceto nos artístico-literários), o estilo individual não faz parte do plano do enunciado”. Em outras palavras, a individualidade se manifesta na escolha do gênero e na composição do enunciado, mas o estilo já é definido no gênero escolhido. Desse modo, se observarmos enunciados diferentes, como os editoriais de diferentes jornais (como a Folha de S. Paulo e o Estado de São Paulo), reconheceremos neles um estilo já estabelecido que, aliás, contribui para nos fazer reconhecer tais textos como pertencentes ao gênero discursivo editorial - ainda que possam haver diferenças temáticas e abordagens diversas. Como o gênero discursivo se caracteriza como formas semiestabilizadas de enunciados, um dos elementos que concede tal estabilidade é, justamente, o estilo do gênero. Desse modo, diz Bakhtin (2003, p. 266), os

estilos de linguagem ou funcionais não são outra coisa senão estilos de gênero de determinadas esferas da atividade humana e de comunicação. Em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de cada campo; é a esses gêneros que correspondem determinados estilos. Uma determinada função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis.

É por isso mesmo que as mudanças dos estilos de linguagem, historicamente, estão ligadas às mudanças dos gêneros do discurso - porque onde há estilo, há gênero. Desse modo, assim como a carta, ao migrar para o meio digital e, por isso mesmo, ao modificar seu estilo, deu origem a um novo gênero (o e-mail), a notícia quando migrou do meio impresso para o televisivo, por exemplo, deu origem a um novo gênero, modificando seu suporte e também seu estilo - a notícia televisiva mantém elementos da notícia do jornalismo impresso, mesmo não sendo mais exatamente o mesmo gênero, assim como o e-mail mantém características da carta, ainda que não seja mais uma carta. Em resumo, como diz Bakhtin (2003, p. 268), a migração de um estilo entre um gênero e outro não somente modifica o som do estilo nas condições de um gênero que não lhe é próprio, como destrói e renova tal gênero.

Assim, gêneros podem migrar para se tornarem outros ou, como ocorre em boa parte das vezes, podem ser incorporados ou reelaborados em outros - disso fala a



divisão dos gêneros em primários e secundários. Nessa perspectiva, o próprio Bakhtin (2003, p. 263) qualifica os gêneros discursivos do jornalismo (que ele chama de grandes gêneros publicísticos) como secundários - isto é, aqueles que, sendo complexos (como romances, dramas, por exemplo), "surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sociopolítico, etc". Consideram-se secundários justamente porque, no processo de formação, "incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata" (BAKHTIN, 2003, p. 263).

A discussão sobre estilo contribui para questionarmos a Classificação Marques de Melo, conforme exposta em Melo & Assis (2013). Para isso, buscamos as suas definições para gênero e formato. Para Melo & Assis (2013, p. 30), são os gêneros jornalísticos as classes

de unidades de comunicação massiva periódica que agrupa diferentes formas e respectivas espécies de transmissão e recuperação oportuna de informações da atualidade, por meio de suportes mecânicos ou eletrônicos (...), potencialmente habilitados para atingir audiências anônimas, vastas e dispersas.

Melo (2003b, p. 11 *apud* MELO & ASSIS, 2013, p. 30-31) diz ainda, afastando-se por completo da noção bakhtiniana de gênero do discurso, que entende gênero jornalístico como “um sistema de organização do trabalho cotidiano de codificação das mensagens de atualidade, a partir das formas de expressão adotadas nas empresas e refletindo em certo sentido o consenso corporativo”.

Dizem também Melo & Assis (2013, p. 31) que os gêneros jornalísticos possuiriam duas características básicas, quais sejam, a aptidão para agrupar diferentes formatos e sua função social (i.e., informar, opinar, interpretar, divertir e ser útil). Tal compreensão se aproxima de uma perspectiva funcionalista do gênero. Por isso, Melo & Assis (2013, p. 31) afirmam que os “gêneros refletem aquilo que os cidadãos querem e precisam saber/conhecer/acompanhar, porque justamente nos gêneros esse público encontra respaldo para suas ações cotidianas ou, mesmo, para o exercício da cidadania”. Destaca-se, logo, que essa definição de gênero afasta-se da concepção bakhtiniana. Além do mais, adota uma perspectiva ideologizada que não se preocupa em considerar adequadamente o papel da intenção comunicativa manifestada no enunciado jornalístico. Desse modo, pressupõe que seja possível, sem os devidos questionamentos



de natureza discursiva e ideológica, às empresas jornalísticas e aos jornalistas descobrir “o que os cidadãos querem e precisam saber/conhecer/acompanhar” (MELO & ASSIS, 2013, p. 31). De igual modo, a definição apresentada como respaldo à Classificação Marques de Melo desconsidera completamente outros estudos do jornalismo, como, por exemplo, os avanços apresentados pela teoria do agendamento.

A definição de formato jornalístico apresentada pela Classificação Marques de Melo, por sua vez, considera aspectos de construção dos textos que estabelecem parâmetros estruturais que incluem aspectos textuais, como também procedimentos e particularidades relacionados à forma como opera cada unidade (MELO & ASSIS, 2013, p. 32). Assim, segundo Melo & Assis (2013, p. 32), formato jornalístico “é o feitio de construção da informação transmitida pela mídia, por meio do qual a mensagem da atualidade preenche funções sociais legitimadas pela conjuntura histórica de cada sociedade nacional”.

A noção de formato jornalístico que fundamenta a Classificação Marques de Melo poderia minimamente dialogar e até ser substituída mais adequadamente pela ideia de enunciado em Bakhtin (2003). A questão é que os autores denominam “formato” aquilo que é, conforme a posição de Bakhtin (2003), enunciado - e, por consequência, gênero do discurso. Em cada esfera ou campo social, os enunciados se configuram de uma determinada maneira atendendo a uma finalidade na comunicação discursiva.

Melo & Assis (2013), no entanto, não adotam o conceito de enunciado conforme o propõe Bakhtin. Não se trata apenas de não citar a noção, mas Melo & Assis (2013, p. 23) utilizam uma versão em inglês do texto de Bakhtin sobre gênero do discurso - e, ao traduzir a definição de gênero (“tipos relativamente estáveis de enunciados”), utilizam a construção “expressões linguísticas desenvolvidas em situações comunicacionais específicas, que se refletem na forma, no conteúdo e na estrutura”. Por que não adotam a noção de enunciado em seu texto? Ainda que não possamos encontrar uma resposta à questão, podemos afirmar que a noção de enunciado contradiria a conceituação de formato adotada pela Classificação Marques de Melo, uma vez que, diante daquela, o



que os autores<sup>3</sup> chamaram de formato seria evidentemente reconhecido como enunciado e gênero do discurso.

Além disso, aliás, também não parece adequada a leitura que Melo & Assis (2013, p. 23) fazem da afirmação bakhtiana sobre gêneros primários e secundários: os autores afirmam que gêneros primários seriam os gêneros da comunicação oral enquanto os gêneros secundários representariam aqueles da comunicação escrita. Em primeiro lugar, Bakhtin (2003, p. 263) esclarece que os gêneros secundários são predominantemente escritos - mas não apenas escritos. Afinal, uma notícia televisiva, considerada, como gênero do jornalismo, um gênero secundário não é do domínio escrito - o mesmo, por exemplo, poderíamos falar acerca da sessão de defesa de uma tese doutoral que, sendo da esfera da oralidade, não é, de modo algum, um gênero primário. Se aprofundarmos tais reflexões a partir da conceituação bakhtiniana, encontraremos um bate papo online por meio de um sistema de chat, por exemplo, como gênero do domínio escrito mas que se coloca melhor como uma conversação discursiva imediata - portanto, um gênero primário.

Falando sobre os gêneros do discurso jornalístico, Cristóvão (2012, p. 11) defende que estes devem ser considerados como próximos aos secundários, ainda que em uma gradação, por considerar "uma modalidade com ramificações no discurso primário, como se estivesse localizado num espaço intermediário entre o discurso primário e secundário". E esclarece Cristóvão (2012, p. 11) que os enunciados jornalísticos se aproximam dos gêneros primários

pela sua relação estreita com a realidade e com a realidade dos enunciados alheios, no dizer do próprio Bakhtin. A relação com o real, no sentido já apontado no início desta seção, é o próprio cerne do jornalismo, que também se utiliza de enunciados alheios para corroborar sua relação com o fato, que se supõe um fragmento da realidade. A utilização de enunciados de "outros" é uma constante no texto jornalístico e tem vários objetivos, entre os quais o de reforçar a imparcialidade do discurso, já que, dessa forma, quem está relatando, afirmando ou negando algo numa notícia passa(m) a ser o(s) protagonista(s) do fato e não o jornalista.

Um outro elemento das propostas bakhtinianas a ser considerado diz respeito ao modelo de comunicação que subsidia sua reflexão - e que tem interferência na

---

<sup>3</sup> Enquanto Bakhtin (2003) pensa o gênero a partir de uma perspectiva que poderíamos chamar de advinda da sua preocupação do estudo da linguagem como comunicação discursiva, Melo & Assis (2013) parecem se filiar a uma perspectiva que, no campo da linguagem, se vincula à linguística textual.



compreensão de como se dá o fluxo discursivo de construção de sentidos dos enunciados. Assim, na linguística tradicional, assim como nas tradicionais teorias da comunicação, afirma-se uma representação esquemática de dois parceiros da comunicação: o falante e o ouvinte, que é o receptor do discurso. Desse modo, diz Bakhtin (2003, p. 271), sugere-se "um esquema de processos ativos de discurso no falante e de respectivos processos passivos de recepção e compreensão do discurso no ouvinte".

É daqui que emerge a noção de ativa posição responsiva que confronta não apenas a chamada linguística tradicional como também os modelos teóricos de comunicação fundados no sistema emissor-receptor. Bakhtin (2003) compreende que cada enunciado pode ser tomado como uma resposta ativa de outros discursos já proferidos a respeito de um tema ou objeto, ao mesmo tempo em que ao ser enunciado prevê uma resposta ou, no mínimo, uma compreensão ativa da parte do ouvinte. Assim, ele entendia que o ouvinte (receptor) de um dado enunciado o recebe com uma postura que denominou de ativa posição responsiva, ou seja, o ouvinte "concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, adapta-o, prepara-se para usá-lo etc.", mesmo que sua atitude seja silenciosa (BAKHTIN, 2003, p. 271).

Por isso, diz ainda Bakhtin (2003, p. 272), "toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante". Isso implica que, ao se pronunciar, o enunciador antecipa as possíveis respostas de seus interlocutores, buscando formas de condicioná-las, de modo que sua fala atinja a intenção proposta. O falante não espera uma compreensão passiva dos interlocutores, que tão somente duble seu pensamento numa voz alheia, mas uma resposta, uma concordância, uma participação, uma objeção, uma execução, etc.

Tal alternância de sujeitos, destaque-se, é prática e real na vida do discurso, o que também significa que não faz sentido, como dissemos acima, um modelo comunicacional que fixe as funções de emissor e receptor, falante e ouvinte, e reforce noções de canal em detrimento à interação. Falante e ouvinte são papéis intercambiáveis. É disso que Machado (2007, p. 157) trata ao afirmar que Bakhtin apresenta "um circuito de responsabilidade: falante e ouvinte não são papéis fixados a



priori mas ações resultantes da própria mobilização discursiva no processo geral da enunciação".

Tudo isso conduz ao entendimento que tem Bakhtin (2003, p. 272) de que cada "enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados". Nenhum enunciado é o primeiro a romper o silêncio do universo e qualquer enunciado configurado em gêneros discursivos do jornalismo responde a enunciados anteriores e aponta para aqueles que ainda serão enunciados em resposta. Além disso, como diz Souza (2011, p. 122), a "riqueza e a heterogeneidade dos gêneros do discurso fazem com que um primeiro enunciado contribua para a formação de um segundo que, por sua vez, exerce influência sobre um terceiro, e assim sucessivamente". Diante disso, sendo o cotidiano o terreno em que se edificam os gêneros do discurso, estes podem ser pensados também no contexto dos meios de comunicação e as suas tecnologias. Além disso, complementa Souza (2011, p. 122), "os gêneros do discurso se constituem a partir de aproximações, justaposições ou fusões de materiais enunciativos que se friccionam, permitindo o surgimento de novos enunciados".

Esta reflexão pode nos auxiliar a compreender que aquilo que foi chamado como "formato" na Classificação Marques de Melo (MELO & ASSIS, 2013), em uma perspectiva bakhtiniana, deve ser entendido como enunciado e, portanto, gênero - já que este é conceituado como tipo relativamente estável de enunciados. Um específico texto jornalístico, como um editorial de um jornal de grande circulação, que na Classificação Marques de Melo seria considerado um formato, Bakhtin consideraria um gênero.

Faz, portanto, parte do escopo de nossa discussão considerar a questão do enunciado, indo, porém, além da noção de responsividade que considera os enunciados como elos da cadeia de comunicação discursiva. Neste caso, a compreensão acerca dos limites do enunciado também deve ser considerada.

### **Os limites do enunciado**

Os limites dos enunciados são definidos pela já referida alternância dos sujeitos do discurso, ou seja, pela alternância entre os falantes: aos enunciados de uns pronunciados antes, respondem os enunciados de outros - ou, ao menos promovem uma ativa compreensão responsiva. Isso porque, diz Bakhtin (2003, p. 275), o "enunciado



não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, precisamente delimitada da alternância dos sujeitos do discurso, a qual termina com a transmissão da palavra ao outro, por mais silencioso que seja o ‘dixi’ percebido pelos ouvintes [como sinal] de que o falante terminou”.

E a alternância dos sujeitos do discurso emoldura o enunciado com seu início e seu fim. Desse modo, as fronteiras conservam a precisão externa e adquirem caráter interno graças ao fato de que o sujeito do discurso (o autor de uma obra, de um texto jornalístico, de uma fala) aí revela sua individualidade na visão de mundo, em todos os elementos da ideia de sua obra.

Desse modo, destacam Grillo & Costa (2013, p. 153), os "enunciados são unidades concretas produzidas por sujeitos particulares, autores com identidades socioideológicas ligadas às esferas de produção, recepção e circulação". Esses sujeitos são escritores, professores, sacerdotes e, claro, jornalistas, “cujos posicionamentos ideológicos remetem às esferas da criação ideológica” (GRILLO & COSTA, 2013, p. 153). O enunciado é, portanto, marcado pela subjetividade de seu autor, o que, por si, já põe em questão toda uma tradição ideológica do jornalismo que afirma a suposta neutralidade ou imparcialidade dos produtos informativos de mídia.

Tais posicionamentos ideológicos manifestam marcas de subjetividade e autoria, de acordo Bakhtin (2003, p. 301), que reafirma que o enunciado é dirigido à resposta dos outros - o enunciado tem seu destinatário o que, por sua vez, significa que cada "gênero do discurso em cada campo da comunicação discursiva tem a sua concepção típica de destinatário que o determina como gênero” (BAKHTIN, 2003, p. 301). Assim, a enunciação de um texto do gênero "editorial" aponta, em sua conformação, o destinatário típico a que se dirige. Desse modo, configura-se como uma opinião mas cujo sujeito autor é manifestado como sendo o próprio jornal que o veicula - o veículo de mídia é seu enunciador e pressupõe um leitor que compreende isso (portanto, os editoriais não são escritos em primeira pessoa do singular, já que refletem a opinião de uma empresa de comunicação) e que se interessa pela opinião do jornal sobre os temas da agenda da mídia, firmada em coerente argumentação.

Ligada a essa questão - da alternância dos sujeitos do discurso na configuração do enunciado -, Bakhtin (2003) sugere a sua conclusibilidade específica. Em outras



palavras, para ele a alternância dos sujeitos somente pode acontecer porque “o falante disse (ou escreveu) tudo o que quis dizer em dado momento ou sob dadas condições” (BAKHTIN, 2003, p. 280). E o outro que participa do diálogo - aqui, vale ressaltar, a noção dialógica do discurso do círculo bakhtiniano deve ser considerada -, pode responder ao enunciado porque três elementos estão presentes: exauribilidade do objeto e do sentido (ou seja, o sujeito disse tudo o que queria ou podia dizer), projeto de discurso ou vontade de discurso do falante (no caso dos gêneros jornalísticos os enunciados se encerram porque assim manifestam os enunciadore marcando seu fim na própria materialidade textual com sinais ortográficos e até elementos editoriais) e as formas típicas composicionais e de gênero de acabamento (expressões como “por fim” ou capítulos de “conclusão” ou “considerações finais” em textos acadêmicos). No entanto tais marcas de conclusibilidade são diferentes em cada campo de comunicação discursiva - em uma continuidade que vai de uma conclusibilidade quase plena naqueles enunciados em que os gêneros do discurso são de natureza padronizada e o elemento criativo está ausente quase por completo (pedidos, ordens militares, etc) até mais flexíveis como a poesia.

Ainda assim, importante dizer, o objeto é inexaurível, mas se torna exaurível ao ser tema de um enunciado – definido pelos objetivos colocados pelo autor, no âmbito de uma ideia definida por ele. Ou seja, destaca Bakhtin (2003, p. 282), é a intenção discursiva ou vontade discursiva do falante que determina o todo do enunciado, o seu volume e suas fronteiras. Essa vontade se realiza, antes de qualquer coisa, na escolha por um certo gênero de discurso.

É também por isso que, lembra Bakhtin (2003, p. 282),

os participantes imediatos da comunicação, que se orientam na situação e nos enunciados antecedentes, abrangem fácil e rapidamente a intenção discursiva, a vontade discursiva do falante, e desde o início do discurso percebem o todo do enunciado em desdobramento.

Isso se dá porque, segundo Bakhtin (2003), nós somos habilidosos na prática para empregar os gêneros de forma segura e habilidosa, ainda que não tenhamos qualquer noção conceitual de sua existência - o que acontece em decorrência do fato de os “gêneros do discurso nos são dados quase da mesma forma que nos é dada a língua materna, a qual dominamos livremente até começarmos o estudo teórico da



gramática” (BAKHTIN, 2003, p. 282). Além disso, quando ouvimos o discurso alheio já adivinhamos o gênero por suas primeiras palavras: “adivinhamos um determinado volume (...), uma determinada construção composicional, prevemos o fim, isto é, desde o início temos a sensação do conjunto do discurso que em seguida apenas se diferencia no processo da fala” (BAKHTIN, 2003, p. 283).

Essas noções bakhtinianas têm clara aplicação em quaisquer estudos sobre os gêneros do discurso no jornalismo. Reconhecemos os gêneros discursivos da esfera jornalística, em seu uso, independentemente de conhecermos conceitualmente ou não a questão do gênero: adivinhamos que tal enunciado pertence ao gênero “editorial”, ou é uma “reportagem”, ou outro qualquer, a partir de sua leitura. Nossa capacidade de reconhecer os gêneros do jornalismo resulta do fato de que aprendemos a língua materna a partir do uso dos gêneros - o que é verdadeiro, inclusive, no campo da mídia. Quando começamos a ler produtos jornalísticos passamos a reconhecer as particularidades dos seus diferentes gêneros, compreendendo a relativa estabilidade entre os enunciados que os compõem, sejam reportagens, notícias, notas, editoriais ou entrevistas, por exemplo. É disso que também trata Cristóvão (2012, p. 2) ao afirmar que, para que haja um reconhecimento das características dos jornais e dos gêneros do discurso utilizados, "são necessários alguns pré-requisitos, como a identificação espaço-temporal entre leitor e produtor do texto e a possibilidade de ambos serem capazes de situar-se em relação ao gênero do discurso utilizado”.

Com isso concordam Melo & Assis (2013) quando, ao falar em estereótipo, apresentam uma definição que dialoga de perto com a noção de gênero do discurso em Bakhtin (2003) - sendo o estereótipo, para Melo & Assis (2013, p. 27), aquilo que

possibilita que a audiência, consciente ou inconscientemente, identifique as diferentes mensagens a ela endereçadas, podendo atinar, por exemplo, para a diferença entre uma telenovela e um telejornal ou entre uma revista de informação semanal e um gibi.

### **Considerações finais**

Ao concluirmos esta reflexão, somos ainda mais conscientes da importância de discutirmos os gêneros do discurso jornalístico.

Mesmo que reconheçamos a importância da obra de pesquisadores como Melo & Assis (2013), esperamos ter evidenciado a importância das noções do círculo de



Bakhtin acerca da questão do gênero - e, mais que isso, demonstramos como a perspectiva bakhtiniana pode contribuir para ampliarmos e, até, superarmos posições já consolidadas acerca dos gêneros do discurso no jornalismo.

A discussão ora apresentada em forma de revisão bibliográfica é, como dissemos, uma das mais importantes reflexões teórico-conceituais do campo da comunicação, e inside sobre nossa prática profissional, assim como o ensino acadêmico da profissão.

As reflexões iniciais apresentadas, esperemos, podem também ser colocadas em uso nas tentativas de análise e compreensão do jornalismo que emerge a partir dos novos gêneros promovidos pelas mudanças decorrentes das explosão das redes sociais e das novas e alternativas narrativas jornalísticas.

A partir da reflexão apresentada neste artigo admitimos não ser possível definição e análise coerente dos gêneros do discurso jornalístico se não as consideramos a partir das noções apresentadas por Bakhtin (2003, p. 261), ou seja, que os gêneros do discurso são “tipos relativamente estáveis de enunciados”.

Além disso, a própria noção bakhtiniana de enunciado se coloca de maneira crítica à ideia de formato defendida pela Classificação Marques de Melo, conforme apresentada por Melo & Assis (2013). Compreendemos, também, que a reflexão teórica sobre temas como os gêneros do discurso jornalístico estão vinculadas a tempos e espaços específicos. É por isso mesmo que sabemos que toda a discussão proposta aqui não deve representar, como dissemos antes, uma transmigração automática do pensamento e dos conceitos do círculo de Bakhtin desde a década de 1920 para a análise dos enunciados e do discurso jornalísticos da segunda década do século XXI.

A reflexão, a crítica e o diálogo são, portanto, essenciais em nossa discussão do gênero do discurso do jornalismo, lembrando também Machado (2007, p. 162) ao afirmar que tais gêneros são secundários, pertencem à comunicação mediada, mas se constituem "em função das necessidades culturais e apresentam-se como resposta às formulações em curso". No avanço do conhecimento científico, também nesse caso, os contextos locais e os tempos presentes devem, não apenas ser explicados, como também devemos ter consciência de sua interferência na nossa produção de conteúdo.



Por fim, discutimos neste trabalho uma bibliografia sobre os gêneros do discurso jornalístico em diálogo com Bakhtin (2003) de maneira produtiva, sendo que - importante destacar - é esta produção bakhtiniana que, concluímos, deve estar no centro de toda discussão sobre os gêneros no jornalismo.

### Referências bibliográficas

BAKHTIN, M.. “Os gêneros do discurso” in BAKHTIN, M.. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CHARAUDEAU, P. “Gênero do discurso” in CHARAUDEAU, P. & MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. Coordenação da tradução Fabiana Komesu. 3 ed. 1a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

CRISTÓVÃO, A.. “Um olhar para os projetos editoriais da Folha de S. Paulo na perspectiva bakhtiniana de gênero do discurso” in **Recorte**. Mestrado em Letras: Linguagem, Discurso e Cultura / UNINCOR ANO 9 - N.o 2, 2012.

GRILLO, S. V. de C. & COSTA, L. R.. “Gêneros jornalísticos na perspectiva bakhtiniana” in SEIXAS, L. & PINHEIRO, N. F. (org). **Gêneros: um diálogo entre Comunicação e Linguística Aplicada**. Florianópolis (SC): Insular, 2013.

MACHADO, I. “Gêneros discursivos” in BRAIT, B. (org). **Bakhtin: conceitos-chave**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

MELO, J. M. de & ASSIS, F. de. “A natureza dos gêneros e dos formatos jornalísticos” in SEIXAS, L. & PINHEIRO, N. F. (org). **Gêneros: um diálogo entre Comunicação e Linguística Aplicada**. Florianópolis (SC): Insular, 2013.

MENDES, C. M.. “Fait divers, um gênero do discurso” in **Recorte**. Mestrado em Letras: Linguagem, Discurso e Cultura / UNINCOR VOLUME 11 - N.o 1, jan/jun. 2014.

ROJO, R. & BARBOSA, J. P.. “Gêneros jornalísticos e novos letramentos: novos ethos, curadoria, redistribuição” in SEIXAS, L. & PINHEIRO, N. F. (org). **Gêneros: um diálogo entre Comunicação e Linguística Aplicada**. Florianópolis (SC): Insular, 2013.

SEIXAS, L.; TOURINHO, I. & GUEDES, M.. “Os gêneros jornalísticos do tablet e a força do costume cultural do dispositivo” in **Intercom - RBCC**. São Paulo, v.37, p. 91 -111, jul/dez. 2014.

SOUZA, G.. “O documentário (periférico) como um gênero do discurso” in **Revista Comunicação Midiática**, v.6, n.2, p.110-126, maio/ago. 2011.